

Revisado e Atualizado

A ideia da reencarnação está no Evangelho

Hugo Alvarenga Novaes



...t plogus i euāgeliū scđm Johanne

Hic est iohannes euange-
lista un⁹ et discipulis dñi:
qui uirgo a deo electus ē:

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A ideia da reencarnação está no Evangelho

Hugo Alvarenga Novaes

2016

A ideia da reencarnação está no Evangelho

Hugo Alvarenga Novaes

Data da publicação: 29 de julho de 2016

Revisado e atualizado em 21 de agosto de 2018

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Hugo Alvarenga Novaes

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Novaes, Hugo Alvarenga
N815i	A ideia da reencarnação está no Evangelho / Hugo Alvarenga Novaes; revisão do próprio autor: capa de Cláudia Rezende Barbeiro. Londrina, PR; EVOC, 2016. 126 p.
	1. Literatura espírita. 2. Reencarnação. 3. Evangelho. I. Novaes, Hugo Alvarenga; II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Sumário

_Toc522884881

Revisão e Atualização.....	6
Agradecimento.....	8
Introito	9
Introdução.....	12
1ª Parte: Elias e João Batista são apenas um espírito.....	13
Capítulo 1. Elias é João Batista.....	14
Capítulo 2. O anúncio angélico.....	20
Capítulo 3. Semelhanças entre Elias e João Batista.....	22
Capítulo 4. O maior nascido de mulher.....	24
Capítulo 5. Jesus afirma: João Batista foi Elias	26
Capítulo 6. Ministérios iguais e sentido profético	29
Capítulo 7. A lei de “Causa e Efeito”.....	33
Capítulo 8. Quem é o “Filho do Homem?”	36
Capítulo 9. Após a transfiguração de Jesus.....	43
Capítulo 10. Jesus: sua palavra é maior	46
2ª Parte: É necessário progredir	49
Capítulo 1. Sede perfeitos	50
Capítulo 2. O último ceitel	52

Capítulo 3. O perdão	55
Capítulo 4. Geração de corpos ou espíritos?	58
Capítulo 5. A morte não existe	60
Capítulo 6. Nascer de novo	84
6. 1. Quanto à expressão "Nascer de novo"	86
6. 2. Quanto ao batismo.....	88
6. 3. Quanto à nossa salvação.....	97
Capítulo 7. O cego de nascença	105
Capítulo 8. O silêncio do Mestre.....	110
Conclusão	111
Apêndice.....	120
Referências Bibliográficas.....	122
Notas bibliográficas	124

Revisão e Atualização

Estas revisões e atualizações foram feitas por mim, para corrigir os excessos que porventura haviam neste livro anteriormente, como também para deixa-lo mais, como se diz popularmente: enxuto.

Santa Rita do Sapucaí, 21/08/2018.

O AUTOR

Explicação

Este livro é uma atualização do opúsculo de minha autoria, o qual foi igualmente publicado por esta editora e que se intitula "A reencarnação no Evangelho".

O AUTOR

Agradecimento

Visto que todas as minhas conquistas e realizações foram permitidas por Deus, minha gratidão é endereçada principalmente ao Altíssimo, que me concedeu a presente existência e também a ventura de viver juntamente com essa família maravilhosa, constituída pela esposa Sirlei e meus três filhos: Cléver, Vitória e Jéssica, assim como a dádiva de possuir todos os amigos que tenho.

Santa Rita do Sapucaí, 4 de abril de 2016

O AUTOR

Introito

Desde parcas eras, o Homem se deixava influenciar pelos escritos religiosos.

Atualmente, o Ser Humano ainda se deixa levar por aquilo que está impresso.

A Bíblia é um excelente exemplo disso.

Concernente ao vocábulo "REENCARNAÇÃO", é fato que não o encontraremos no referido Livro Sagrado; entretanto, sua ideia está sim na citada Obra.

Façam o *download* deste meu livro chamado "A ideia da reencarnação está no Evangelho ", que juntos veremos que o pensamento reencarnacionista, está sim no Evangelho de Jesus.

Outra coisa: lendo-o integralmente, verão que nem sempre (quando se fala da Bíblia), "*ipsis literis*", ou seja, nos mesmos termos; trata-se daquilo o que está escrito. As interpretações são variadas.

Destarte, em "O Livro dos Espíritos", na questão 627, nós poderemos ter um aprofundamento maior deste meu raciocínio. Observem logo a seguir:

"627. Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual a utilidade do ensino que os Espíritos dão? Terão que nos ensinar mais alguma coisa?"

"Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares. Faz-se mister agora que a verdade se torne inteligível para todo mundo. Muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas: os que vestem a capa da

virtude e da religião, a fim de ocultarem suas torpezas. O ensino dos Espíritos tem que ser claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão. Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou. Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade.” (KARDEC, 1944, p. 390).

Dessa forma, certamente, essas poucas páginas acrescerão grande bagagem aos que as lerem.

O AUTOR

Introdução

No 3º livro da Codificação Kardeciana lemos: “Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.” (KARDEC, 1996, p. 60).

Quanto à REENCARNAÇÃO, o raciocínio é o mesmo.

Outra coisa: é fato que a palavra REENCARNAÇÃO não consta na Bíblia; mas, quanto à sua ideia... Ah!... Esta não adianta, todos os líderes religiosos podem achar ruim, mas:

- 1) A ideia da REENCARNAÇÃO continuará no Evangelho.
- 2) Eles, (os líderes religiosos), irão REENCARNAR, queiram ou não, pois a REENCARNAÇÃO é uma Lei Divina e independe da vontade deles.

1ª Parte: Elias e João Batista são apenas um espírito

Capítulo 1. Elias é João Batista

Malaquias, considerado um dos profetas menores (não pelo seu caráter ou estatura, mas sim pela quantidade de escritos que deixou), e que, por sinal, escreveu o último livro bíblico, faz as seguintes profecias:

MI 3,1; 4,5-6: "1 Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele há de preparar o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o anjo do pacto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos." "5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; 6 e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição".

Quando Malaquias fala em MI 3,1; 4,5: "1 Eis que eu envio o meu mensageiro ..." e em uma outra profecia MI 4,5: "5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias ...", temos que ter

em mente que estas se referem, (segundo a Bíblia), que este MENSAGEIRO seria o profeta Elias já reencarnado em João Batista.

Visto que cremos ser ambos um só espírito, essas profecias são tipicamente reencarnatórias.

Vejam os que o Evangelho fala sobre "mensageiro", como também de João Batista.

Mt 11,10-11; Mc 1,2-3; Lc 7,27-28: "10 Este é aquele de quem está escrito: Eis aí envio eu ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar adiante de ti o teu caminho. 11 Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele." "2 Conforme está escrito no profeta Isaías: Eis que envio ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar o teu caminho; 3 voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas;" "27 Este é aquele de quem está escrito: Eis aí envio eu ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar adiante de

ti o teu caminho. 28 Pois eu vos digo que, entre os nascidos de mulher, não há nenhum maior do que João; mas aquele que é o menor no reino de Deus é maior do que ele.

É interessante que o apóstolo Marcos, em Mc 1,2-3, (passo bíblico que podemos ver acima), faz alusão à profecia do profeta Isaías, quanto este disse: "Is 40,3: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus." (*)

No Novo Testamento, o apóstolo Lucas, reproduzindo uma fala do anjo Gabriel, aparece a Zacarias, que é o pai de João Batista, e anuncia a esse que ele e sua esposa Isabel terão um filho, que se chamará João. Afirma que, esse menino, como o Elias, também será considerado um profeta pois veremos que ele será grande diante do Senhor, ou como poderemos ver no passo bíblico que se segue, João Batista também será um espírito santificado. Observem tudo isso a seguir: Lc 1,15: "porque ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida

forte; e será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe;”

Carlos Torres Pastorino, diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma . Professor Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro, dar-nos-a seu parecer da questão acima, vejam:

“Prosseguindo em nosso trecho, verificamos que o anjo ou espírito de Gabriel afirma a Zacarias que João é um espírito já santificado?, mesmo antes de nascer. Após dar-se a concepção, ainda no ventre materno, ele (o homem) estará cheio (vivificado) por um espírito que é santo. Note-se que no original grego não há artigo, o que demonstra a indeterminação: "UM" espírito santo?, e não "O" Espírito Santo.” (PASTORINO, p. 149).

Caro leitor, um pouco mais adiante, mais exatamente dois versículos após, vemos: Lc 1,17: “17 irá adiante dele no espírito e poder de Elias ...” Notem para o fato deste poder não ser dado por Deus e sim por Elias. Este é mais um

fator que nos mostra a veracidade das vidas múltiplas e que sem sombra de dúvidas um é a reencarnação do outro.

Jesus, se referindo à profecia de Malaquias que se encontra em (Ml 4,5), mostra-nos que realmente João Batista é a reencarnação do profeta Elias; vejamos isso no Evangelho do apóstolo Mateus que está no Novo Testamento:

Mt 11,13-15: "13 Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos, ouça.

Agora veremos uma confabulação de Jesus com os seus apóstolos Pedro, Tiago e João, quando desciam do Monte Tabor, onde o Amado Rabi se transfigurara e acabara de conversar com Moisés e Elias, que haviam vivido séculos antes aqui na Terra. O referido colóquio aconteceu na época em que o Excelso Messias reafirma a reencarnação de Elias em João Batista e conseqüentemente refere-se aos dizeres proféticos anteriormente narrados em

Malaquias 4,5-6. Vejamos a seguir essa fala Do Cristo ora descrita, a qual corrobora inapelavelmente as existências múltiplas que temos:

Mt 17,9-13: "Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja levantado dentre os mortos. Perguntaram-lhe os discípulos: Por que dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro? Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas; digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista".

Perante todas essas narrativas acima, não temos nenhuma dúvida em corroborar aos caríssimos leitores, que o Espírito o qual habitara o envoltório carnal do profeta Elias, era o mesmo que habitara o invólucro físico de João Batista.

Capítulo 2. O anúncio angélico

Nos dizeres do anjo Gabriel a Zacarias (pai de João Batista, no primeiro capítulo do Evangelho de Lucas, nos versículos (vv.) de 11 a 19, fica claro que o Espírito do profeta Elias será enviado novamente ao planeta, mas, no corpo de João Batista.

Alguns, negando as múltiplas existências, falam que “esta citação não significa que o segundo seja reencarnação do primeiro, mas que seus ministérios e hábitos são muito parecidos”. Enganam-se os que dizem isso, pois a expressão: “irá adiante dele no Espírito e poder de Elias” (v. 17), quer dizer que o mencionado, ou seja, o filho de Zacarias nascerá com o mesmo Espírito que habitou o corpo do profeta tesbita. Aliás, pela narrativa do enviado celeste, o feto de João Batista “já era santificado”, pois tinha “o Espírito e o poder” de Elias, todavia, teria de ser o “poder de Deus, não de Elias” o qual, como João Batista, era enormemente ligado às Coisas Divinas.

E na parte final do mesmo capítulo, mais exatamente versículos 76 e 77, os dizeres proféticos de Zacarias confirmam a profecia de Malaquias (MI 3,1), além de comprovarem o anuncio angélico que se refere ao proceder de João Batista. Através dessas passagens evangélicas, fica comprovada a existência da reencarnação ou será que um anjo, que é um Espírito Puro¹, teria se enganado em seu anúncio? Acho que não.

Rapidamente, vêm-nos à memória as seguintes palavras de Jesus: Mt 11,11: "Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista ..." E também essas outras: Lc 16,16: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele."

É! Parece que o Espírito João Batista, está, como dizem: "bem na fita", em outras palavras, bem nas hostes celestiais.

Capítulo 3. Semelhanças entre Elias e João Batista

Observemos que como o Espírito de Elias e João Batista era um só, suas preferências e costumes são iguais. Vejamos algumas semelhanças entre eles:

No texto bíblico João Batista é mesmo Elias? - <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/16-joao-batista-e-mesmo-elias-v12> escrito pelo amigo e colaborador Paulo da Silva Neto Sobrinho, vemos as seguintes similitudes entre os dois personagens em questão:

“João Batista: Perseguido por uma mulher (Herodias) e pelo rei (Herodes). (Mt 14,3-5 e Mc 6,18-20)

Elias: Foi perseguido por uma mulher (Jezabel) e pelo rei (Acabe). (1Rs 19,1-3 e 1Rs 21,20)

João Batista: Usava uma capa de pelos. (Mt 3,4)

Elias: Usava também uma capa. (1Rs 19,19)

João Batista: Era intrépido. (Lc 3,7)

Elias: Também era intrépido. (1Rs 18,27)

João Batista: Foi o último profeta. (Lc 16,16)

Elias: Simboliza os profetas.”

É possível que duas pessoas possam se parecer, mas, no caso de Elias e João Batista, essas parecenças só acrescentam mais provas às que já temos, como por exemplo as profecias e o anúncio angélico. No caso em questão dessas similitudes, essas são bem prováveis que sejam mais uma evidência da reencarnação.

Capítulo 4. O maior nascido de mulher

Caso o Ser Humano não evoluísse gradativamente, Jesus, à primeira vista, ao dizer que “João Batista era o maior dos nascidos de mulher” (Mt 11,11), se contradiria com o Livro Sagrado, pois vemos que na Bíblia está escrito que “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10,34), ou seja, que O Criador não privilegia ninguém. Vale deixar claro que essa aparente incoerência do Divino Messias unicamente seria verdadeira na hipótese de considerarmos a criação humana no exato momento da concepção. Sendo isso verídico, visto que o Altíssimo é um dos responsáveis pelo nascimento de todos², por que Ele, o Criador, daria ao primo de Jesus o privilégio de ser “mais capaz” que os outros? Na verdade, o Espírito é criado simples e ignorante³ e vai evoluindo sucessivamente através das várias existências.

Segundo os Gnósticos, os “nascidos de mulher” são aqueles que ainda reencarnam neste nosso planeta e eram

concebidos através de uma relação sexual comum, caso de Zacarias e Isabel que deu a luz a um menino aparentemente normal como João Batista. Por isso que Jesus afirmou que “João Batista, era o maior nascido de mulher”. Ele, O Cristo, não era “filho de mulher”, mas sim “filho do Homem”, ou seja, “filho de Deus”. Em outras palavras: Ele, O Amado Mestre não precisava mais reencarnar⁴. - Entretanto, como o homem evolui progressivamente e o profeta Elias já era um espírito muito evoluído e ainda com o adiantamento dele no corpo de João Batista, achamos totalmente coerente a assertiva do Querido Nazareno narrada pelos evangelistas Mateus e Lucas, à medida que eles afirmam: Mt 11,11: “Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista ...” Como também: Lc 16,16: “A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele”.

Capítulo 5. Jesus afirma: João Batista foi Elias

Como já dissemos anteriormente, atentemos para as seguintes afirmações de Jesus: a 1ª. foi quando: logo após ter conversado com os discípulos de João Batista, o Mestre dos Mestres disse: Mt 11,13-14: ***“Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir”***. Fato que o Sublime Carpinteiro também confirma; todavia, em outra ocasião, mais exatamente quando Ele está voltando do monte Tabor com os apóstolos Pedro, Tiago e João, na qual ratifica a volta do espírito de Elias no corpo de João Batista. Quando na oportunidade falou: Mt 17,11-13: ***“Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas; digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista”***.

Mais claro que isso impossível...

Só não enxerga a REENCARNAÇÃO quem não quiser ou conseguir ver.

Um ponto muito favorável às vidas múltiplas é que, em momento algum, Jesus desmentiu o pensamento de seus discípulos, ou seja, de que uma pessoa pudesse voltar. Isso porque a reencarnação é uma lei natural e, como tal, verdadeira e, conseqüentemente, está no Evangelho.

Queridos amigos, mais claro que isso, impossível! Agora, lembremos o provérbio que diz: "O pior cego é aquele que não quer ver". Recordei-me desse ditado popular, porque é inegável que a reencarnação pertence à lista dos vários ensinamentos Do Divino Pegureiro, e só um "cego que não quer ver" não a percebe. Ora, sendo O Cristo quem é, e possuindo uma autoridade inquestionável, como também uma probidade ímpar, em hipótese alguma é prudente nós irmos contra Seus Dizeres. Portanto, se o Sublime Mestre Nazareno disse que Elias já veio e está vivendo no corpo

de João Batista, fica provado que o segundo é a reencarnação do primeiro, a não ser para aqueles que não querem ver. Notamos que Jesus pregou as diversas existências. Ele deu certeza de que o espírito de Elias reencarnara no corpo de João Batista. Tanto isso é verdade, que os dois têm o mesmo caráter e costumes. Nos fatos relativos às vidas múltiplas, eu tenho ouvidos para ouvir e reconheço que João Batista é a reencarnação de Elias, mas, como diz o adágio popular: "cada um é cada um e cada qual é cada qual". Particularmente acho que a palavra de Jesus supera a de qualquer um. Quem pensa ao contrário?

Obs.: Podemos concluir que aqueles que vão de encontro com a pluralidade das existências, ao mesmo tempo estão contradizendo aquilo que O Cristo falou.

Capítulo 6. Ministérios iguais e sentido profético

Vemos O Cristo dizer: Mt 11,14: "E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir". Algumas pessoas, (as mais fanáticas e fundamentalistas, falam que Jesus, ao pronunciar essa expressão, estava se referindo única e exclusivamente à semelhança havida entre Elias e João Batista, que seus ministérios proféticos são iguais, e que os dois tinham o mesmo Espírito valente e corajoso e, de forma alguma, o segundo é a reencarnação do primeiro. Isto é um absurdo! Nunca confundamos o vocábulo "um", que pode ser um numeral, um artigo indefinido, um adjetivo, um pronome indefinido, ou um substantivo masculino, dependendo de onde se encontrar, com a palavra "o", que significa um artigo definido, um pronome demonstrativo, um pronome pessoal, um adjetivo, um substantivo masculino e outros, conforme o caso em que estiver empregado. Dar-lhes-ei dois exemplos do que estou falando: 1. - A frase: "Jamais surgirá "um" Rui Barbosa" não é sinônima de "nunca mais surgirá "o" Rui Barbosa". 2.

- "O Ronaldinho Gaúcho é "um" verdadeiro Pelé" não é igual à sentença: "o Ronaldinho Gaúcho é "o" verdadeiro Pelé". Assim, não nos deixemos confundir por fundamentalistas que tentam passar-nos a ideia de que Jesus teria dito que "apenas, viria à Terra um homem, o qual seria João Batista, com as mesmas qualidades de Elias, e que o filho de Izabel e Zacarias não seria a reencarnação do profeta tesbita". Mas, na verdade, quando o Cristo disse: (Mt 11,13-15) "Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos, ouça.", O Meigo Messias nos falou que João Batista era Elias reencarnado.

ATENÇÃO: vemos claramente Jesus dizer no versículo 14 do capítulo 11 de Mateus: "o Elias" e não "um Elias", da maneira agradável aos fanáticos e fundamentalistas. Portanto, repetimos: "não temos dúvida em afirmar com toda a certeza de que, de fato, João Batista, como disse Jesus, era mesmo a reencarnação do profeta Elias".

Temos também certas pessoas que afirmam, baseadas em 2Rs 2,8-12, que "o espírito de Elias repousou no corpo de

Eliseu”, e dizem: “nem por isso o primeiro reencarnou no segundo.

Observemos este trecho bíblico a seguir:

2Rs 2,8-12 “Então Elias tomou a sua capa e, dobrando-a, feriu as águas, as quais se dividiram de uma à outra banda; e passaram ambos a pé enxuto. Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja sobre mim dobrada porção de teu espírito. Respondeu Elias: Coisa difícil pediste. Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não, não se fará. E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai! o carro de Israel, e seus cavaleiros! E não o viu mais. Pegou então nas suas vestes e as rasgou em duas partes;”

Aliás, esta passagem contradiz frontalmente a Bíblia, quando esta nos mostra: Jo 3,13: "Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem."

Mas isso é outra coisa.

Voltando ao tema em questão, dizemos também: todavia, achamos antes de tudo, que a palavra de Jesus vale muito mais que os dizeres de qualquer um.

Ademais, o caso do supracitado tesbita e seu pupilo é completamente diferente do de Elias e João Batista. No primeiro, temos uma admiração profunda do pupilo por seu mestre; no segundo, encontramos uma evidência de reencarnação. Estamos certos de que esse último é verídico."

Capítulo 7. A lei de "Causa e Efeito"

A lei de "Causa e Efeito ou Ação e Reação", à qual a reencarnação obedece, mostra-nos que "toda ação da vida moral do homem corresponde a uma reação semelhante dirigida a ele mesmo". Na medida em que temos certeza de que somos seres duais, ou seja, possuímos duas naturezas: "a material e a espiritual"⁵ e, estando cientes de que a segunda é a mais importante, tanto que é imortal⁶, acompanhemos Elias (futuro João Batista), no Antigo Testamento, mais exatamente em 1Rs 18,40, que manda degolar os Profetas de Baal, e depois, observemos também em Mt 14,6-11, João Batista (antigo Elias), resgatar sua dívida passada com a Justiça Divina, ao ter sua cabeça cortada, como fizera quando no corpo de Elias, época essa em que o mesmo mandara decepar os 450 adoradores do deus cananeu. Como as vidas sucessivas estão diretamente relacionadas com a lei de Causa e Efeito ou Ação e Reação, mostraremos o que ocorreu com os profetas de Baal, que Elias matara, como posteriormente,

o mesmo fato aconteceu com João Batista que, também, morreu degolado. Observemos esses acontecimentos atentamente logo a seguir e reparemos como o tipo de morte é semelhante:

1Rs 18,40(**); Mt 14,6-11: "Então Elias disse a eles: «Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum». E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e aí os degolou." "Festejando-se, porém, o dia natalício de Herodes, a filha de Herodias dançou no meio dos convivas, e agradou a Herodes, pelo que este prometeu com juramento dar-lhe tudo o que pedisse. E instigada por sua mãe, disse ela: Dá-me aqui num prato a cabeça de João, o Batista. Entristeceu-se, então, o rei; mas, por causa do juramento, e dos que estavam à mesa com ele, ordenou que se lha desse, e mandou degolar a João no cárcere; e a cabeça foi trazida num prato, e dada à jovem, e ela a levou para a sua mãe".

Observemos adiante que em algumas passagens, a lei de Causa e Efeito ou Ação e Reação descrita acima, é confirmada pelo Amado Nazareno:

Mt 26,52; Jo 8,34: "52 Então Jesus lhe disse: Mete a tua espada no seu lugar; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão." "34 Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado."

Popularmente diz-se: "quem planta colhe"! E como o Espírito é um só, fica-nos demonstrado cabalmente, que, de fato, João Batista era sim a reencarnação de Elias.

Capítulo 8. Quem é o “Filho do Homem?”

Era crença comum que uma pessoa poderia retornar à vida em outro corpo. Isso fica claro, quando, Jesus, falando a seus discípulos (Mt 16,13-14), mostra-nos que o povo acreditava que o primo do Amado Mestre Nazareno poderia ter reencarnado e não ressuscitado; entretanto, os populares da época não sabiam como todo o processo reencarnatório se dava. Percebemos que o aramaico (Língua falada na época e naquelas regiões), era bastante limitado; assim, o verbo “reencarnar e derivados”, eram substituídos por “ressuscitar e provenientes”. Vejamos integralmente essa passagem bíblica:

Mt 16,13-14: “Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.”.

Analisemos: se Jesus fosse Elias, Jeremias ou um dos profetas, é claro que ele só poderia estar ali reencarnado em algum deles. Quanto a João Batista, faltava um raciocínio lógico ao povo daquela época, pois o Divino Jardineiro e seu primo, eram contemporâneos, conseqüentemente, um não poderia estar reencarnado no outro, afinal de contas, os dois estiveram vivos no mesmo período, melhor dizendo: no mesmo tempo ou nos mesmos anos.

Então perguntou Jesus ao apóstolo Simão Pedro: Mt 16,15: "Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou?" E Pedro que era médium redarguiu: Mt 16,16: Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Ou seja, o messias que esperávamos. E Jesus conclui dizendo: Mt 16,17: "Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus."

Assim lhes digo: Jesus não reencarnou porque além de ser o "Filho do Homem", ou seja, "Filho de Deus", o Divino Pegureiro, era e é, o governador deste nosso orbe, como

também estava em missão aqui no nosso planeta Terra, para nos servir e ser guia de toda a Humanidade.

No caso em questão, vemos claramente que o populacho proveniente daquele local, acreditava sim na reencarnação, apenas, não sabiam como a pluralidade das existências acontecia de fato.

Em contrapartida, Jesus, que em várias ocasiões foi visto lendo o pensamento daqueles que estavam perto de si, poderia também ter “lido o pensamento” de seus discípulos a respeito desse assunto e, se esses estivessem pensando de maneira equivocada, o Sublime Galileu poderia instruí-los devidamente. Como o Mestre dos Mestres não o fez, é porque achou certo o pensamento reencarnacionista de seus apóstolos. Como nos diz o adágio popular: “quem cala consente”.

O rei Herodes também tinha dúvidas a cerca de quem era realmente aquele homem chamado Jesus.

Observemos suas palavras:

Lc 9,7-9: "Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou. Herodes, porém, disse: A João eu mandei degolar; quem é, pois, este a respeito de quem ouço tais coisas? E procurava vê-lo".

Obs.: O mesmo pensamento que foi empregado anteriormente em relação aos discípulos de Jesus, deve ser colocado agora com o rei Herodes.

Da mesma forma que a turba, o monarca também desconhecia o processo reencarnatório; contudo, como podemos observar, Antipas acreditava nas "múltiplas existências", apenas não sabia como esse sistema se dava.

Outra coisa que vemos nesse trecho bíblico, é que Herodes estava muito curioso para conhecer Jesus; mas isso é outro assunto.

Encontramos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo IV, item 4, a melhor explicação comparativa, entre a reencarnação e a ressurreição. Vejamo-la a seguir:

“Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro

corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.” (KARDEC, 1996, p. 84).

Assim sendo, e tendo ciência de que a reencarnação seria entendida pela humanidade do futuro, o Divino Rabi limitou-se a deixar tudo como estava, certo de que a reencarnação será devidamente explicada pelo Consolador Prometido por Jesus⁷, ou seja, pelo Espiritismo.

Obs.: Sabemos que em relação à eternidade, 18 séculos não representa nada. Temos ciência também que o conhecimento do povo daquele tempo era muito limitado, principalmente no que tange às coisas ligadas aos assuntos religiosos. Devido a esse fato, em certa ocasião, O Sublime Mestre Nazareno disse aos seus apóstolos: Jo

16,12: "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora".

Capítulo 9. Após a transfiguração de Jesus

Também notamos a reencarnação na passagem da Transfiguração de Jesus, no monte Tabor, onde vemos a aparição de Elias e Moisés (Mateus 17,1-9). Entretanto, a elucidação completa deste passo bíblico, segue-se até o versículo 13.

Vejam como ocorreu a transfiguração de Jesus segundo o Evangelho de Mateus:

Mt 17,1-13: "1 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; 2 e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. 3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. 4 Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias. 5 Estando ele ainda a falar,

eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. 6 Os discípulos, ouvindo isso, caíram com o rosto em terra, e ficaram grandemente atemorizados. 7 Chegou-se, pois, Jesus e, tocando-os, disse: Levantai-vos e não temais. 8 E, erguendo eles os olhos, não viram a ninguém senão a Jesus somente. 9 Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja levantado dentre os mortos. 10 Perguntaram-lhe os discípulos: Por que dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro? 11 Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas; 12 digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. 13 Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista”.

Sendo que O Cristo é o Governador Espiritual de nosso planeta⁸, e, tendo Ele uma Estatura moral enorme, juntamente com uma sabedoria intelectual inquestionável,

não achamos prudente ir de encontro com as suas palavras.

Depois da pergunta dos discípulos ao Cristo (v. 10), temos a confirmação de Jesus de que Elias era João Batista (vv. 11 e 12).

Caso a REENCARNAÇÃO fosse falsa, Jesus a combateria; Ele, que só falava a verdade, jamais deixaria que seus discípulos, assim como todo o povo da época e, do futuro, devido os acontecimentos, acreditassem nas várias existências.

Somente não vê que o espírito de Elias reencarnou no corpo de João Batista quem realmente não quer ver.

Obs.: "Como o espírito de Elias era muito evoluído, ele podia se apresentar com a aparência de qualquer uma de suas encarnações passadas, e não só com a última como muitas pessoas pensam".⁹

Capítulo 10. Jesus: sua palavra é maior

No Evangelho de João, lemos:

Jo 1,19-23: “E este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? Ele, pois, confessou e não negou; sim, confessou: Eu não sou o Cristo. Ao que lhe perguntaram: Pois quê? És tu Elias? Respondeu ele: Não sou. És tu o profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Quem és? Para podermos dar resposta aos que nos enviaram; que dizes de ti mesmo? ***Respondeu ele: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías***”. (Grifos nossos).

É interessante, que neste ponto João Batista, relembra a profecia de Isaías 40,3; quando o profeta se refere a uma “voz do que clama no deserto”. É curioso, que ele mesmo se vê na profecia.

Mas, voltemos ao trecho bíblico Joanino:

Esta é mais uma passagem evangélica, na qual fica claro que o povo da época acreditava que, de certa forma, alguém poderia voltar à vida, pois, só assim é explicado o porquê da pergunta "Quem és tu". Retornemos a João Batista e ao fato de ele não se lembrar que era Elias: dizemos que ele estava certo, afinal, não nos recordamos de nossas existências pregressas¹⁰. É bom que se deixe isso bem claro: o Espírito que animou o corpo de Elias e João Batista, é o mesmo; entretanto, naquele momento, a personalidade que estava sendo vivida, era a segunda, a qual não se lembrava da primeira. Ademais, no Antigo Testamento, como bem dissera Jó: Jó 8,9: "Porque nós somos de ontem, e nada sabemos..." Além disso, acreditamos mais nas palavras de Jesus, que afirmou a volta de Elias, conseqüentemente a reencarnação quando disse: Mt 11,14: "E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir". Isto referindo-se a João Batista. E também o seguinte passo bíblico: (Mt 17,12-13) "Digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas

fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista”. E assim o Divino Pegureiro ratifica inapelavelmente a palingenesia. E vocês? Em quem acreditam mais? Jesus ou João Batista?

2ª Parte: É necessário progredir

Capítulo 1. Sede perfeitos

No célebre “Sermão da Montanha”, o qual foi magistralmente proferido pelo Divino Jardineiro, o Augusto Mestre Nazareno afirma: Mt 5,48: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial”.

Reparemos que o verbo “ser” é flexionado na “2ª pessoa do imperativo afirmativo”, ditando o que acontecerá com o ouvinte do presente e do futuro, fazendo uma alusão frontal à reencarnação.

É claro que Jesus sabia o que falava, entretanto, ele também tinha conhecimento que o povo da época não iria entender suas palavras da forma como estas deveriam ser compreendidas.

Assim repito: falando com a voz amorosa e penetrante, o Inexcedível Mestre nos fala de forma branda e

carinhosamente: Mt 5,48: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial".

Bem, Jesus sabia que o Pai Celestial era perfeito e, com a sua sabedoria ímpar, tinha ciência que esse estado de plenitude não poderia ser alcançado pelo Homem tão cedo. Entretanto, com a palingenesia, esse esmero para ser concretizado, bastaria apenas uma questão de tempo.

Vale dizer que uma perfeição absoluta, nós nunca alcançaremos, pois se isso acontecesse, seríamos iguais a Deus. E como o Altíssimo, só pode existir um. Então, conseguiremos uma perfeição relativa; quando isso acontecer, (fato este que demorará muito), seremos Espíritos Puros.

Destarte, como o Cristo, não falava mentira em hipótese alguma, podemos acreditar fielmente que o Homem só alcançará a perfeição através da reencarnação.

Capítulo 2. O último ceitel

No célebre “Sermão da Montanha”, o Sublime Jardineiro, lançando um fúlgido e dulcificante olhar pela plebe que extasiada se encontrava com suas lições, mais aturdida ficou ao ouvir o Excelso Galileu exclamar:

Mt 5,25-26: “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão. ***Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares até o último ceitel***”. (Grifos nossos).

Hoje, a aproximadamente mais de 2000 anos depois da vinda do Amado Rabi a este nosso Orbe Terrestre, analisando com vagar e cuidadosamente os Divinos Ensinamentos deixados pelo Mestre dos Mestres, vemos que se faz mister que nos harmonizemos com nossos desafetos ou, como muitas Bíblias trazem “adversários”,

aqui vale abrir um sinal de parênteses: (não pensem que adversário seja o “pepeta”, como dizia o meu netinho quando tinha 2 aninhos, atualmente ele tem 4, não acredita mais em capeta, demônio, essas coisas), mas, continuando, deduzo que a expressão “enquanto estás no caminho com ele”; equivalha a “essa encarnação”. E o vocábulo “prisão”, refere-se ao nosso corpo carnal. Podemos dizer que a sentença: “entregue ao guarda”, é muito bem entendida como se fosse “à nossa consciência profunda”. E para finalizar, “ceitil” era a menor moeda do tempo de Jesus, valia a décima sexta parte de um denário; como se fosse um centavo hoje. Assim com aqueles dizeres, o Cristo queria representar “as mínimas coisas”.

Em palavras simples, nós podemos dizer que não nos libertaremos do nosso envoltório corporal, enquanto trouxermos no plexo cardíaco, o mínimo sinal de rancor, mágoa ou queixa de nosso próximo, que também é nosso irmão. Em outras palavras: Unicamente quando nosso coração for só amor, nos libertaremos da carne, que, sem dúvida alguma, nos aprisiona o Espírito. Destarte, isso não se consegue em apenas uma única encarnação, mas em

várias vidas, em um aprimoramento contínuo do ser, graças à Misericórdia Inefável Do Criador Supremo.

Capítulo 3. O perdão

Estava o Inexcedível Mestre conversando com seus discípulos, quando de repente o apóstolo Pedro, fez-lhe uma pergunta, ei-la abaixo:

Mt 18,21-22: "Então Pedro, aproximando-se dele, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete."

Aí os fundamentalistas dirão:

"Esse ensinamento só vale para uma vida, a vida atual."

Com todo respeito, mas isso é ridículo!

490 é o resultado de 70×7 , segundo os fanáticos e fundamentalistas será que a partir da quadringentésima

nonagésima primeira ofensa não precisaremos perdoar mais?

Isso é um absurdo!

Se fosse assim, teríamos que andar com uma cadernetinha, escrevendo quantas vezes fomos ofendidos. Aí então, depois deste número, ou seja (490), pois são $70 \times 7 = 490$ vezes, não precisaríamos perdoar ninguém.

Nos dias de hoje, quem sabe um computador seria interessante para fazer a referida tarefa acima.

Todavia penso: e se perdêssemos a cadernetinha citada ou o computador estragasse?

É claro que esse pequenino pensamento acima está equivocado!

O Sublime Jardineiro queria deixar uma imagem forte! Vejam bem: 70 já é um número grande; 490, o resultado de 70 vezes 7, é um número maior ainda! Ele fica um

numeral enorme! O querido Rabi quis que o povo daquela época entendesse que se deveria perdoar indefinidas vezes.

Jesus sabia que o Ser Humano tem uma só vida, mas várias existências através da reencarnação.

Assim, o Ser Humano através das vidas múltiplas, vai se aperfeiçoando, e com o seu melhoramento e com a palingenesia, vai perdoadando aqueles que (em outras existências) lhe ofenderam.

Capítulo 4. Geração de corpos ou espíritos?

No grande sermão profético, no capítulo 13 do apóstolo Marcos, quando ele nos narra o “fim dos tempos morais negativos”, na parte final deste tomo, ele nos diz: Mc 13,30: “Em verdade vos digo que não passará esta geração, até que todas essas coisas aconteçam.”

Como “essas coisas” nas quais mencionou o Jardineiro Divino não se cumpriram. De duas a uma: 1. Ou o Amado Mestre se enganou... ou 2. Nós interpretamos mal a fala contida no versículo bíblico acima.

Prefiro ficar com a segunda hipótese, pois o Mestre dos Mestres jamais erraria. Pois em Marcos lemos: “não passará esta geração”, e assim sendo, eu faço uma pergunta a vocês: será que essa GERAÇÃO dita pelo Cristo, era de corpos ou de espíritos?

Analisando pelo viés reencarnacionista, não serão ou não seremos alguns de nós, remanescentes daquela geração de espíritos que estão reencarnando e que, por nossos méritos e deméritos, ainda aguardamos aqui no planeta Terra o momento final?

Capítulo 5. A morte não existe

Para falar sobre reencarnação, temos que forçosamente fazer algumas elucubrações atinentes a tão temido passamento pelo qual todos nós passaremos.

Pois bem, declinemos quanto a este decesso:

A morte: - sabemos que além do corpo físico, temos um Espírito imortal. A ciência demonstra-nos que aquilo o que chamamos "morte", é somente a cessação do funcionamento de órgãos vitais, necessários à manutenção da existência de nosso envoltório corporal. A Bíblia, em João 6,63, mostra-nos que a nossa carne, a qual é a vestimenta do Espírito, é sem valor quando afirma: Jo 6,63: "O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são Espírito e são vida." Portanto é nele que devemos buscar a importância de nossa estada aqui nesse orbe. Na mesma obra literária, o apóstolo João, fala-nos claramente que

Deus é Espírito (João 4,24). Eis aí nossa similitude com o Criador, pois sempre somos Espírito; seja vivendo na carne ou fora dela.

Vale aqui uma observação: quando estamos encarnados o Espírito é chamado de Alma e estando desencarnados de Espírito. Mas os dois são um só.

O Livro dos Espíritos, em sua questão 134, esclarece-nos com propriedade a este respeito. Vejam logo abaixo:

"134. Que é a alma?"

"Um Espírito encarnado."

a) - Que era a alma antes de se unir ao corpo?

"Espírito."

b) - As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?

“Sim, as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem.”

Ainda no Evangelho de Lucas, é-nos dito em Lc 20,27-38, que o Sublime Mestre, respondendo a alguns saduceus sobre a situação de uma mulher que teria casado com sete irmãos (levirato)¹¹, pergunta ao Divino Rabi, de qual deles ela seria esposa quando acontecesse a ressurreição dos corpos. Disse-lhes Ele de forma clara, que somente casam-se aqueles que ainda estão vinculados a um corpo físico. Entretanto, os que já se encontram no Plano Espiritual não se unem maritalmente, por ser esta junção algo que acontece estritamente entre seres jungidos à matéria. Ademais, se Deus é Deus de vivos (Lucas 20,37-38), então todos os que morreram fisicamente, continuam, no outro lado da vida, espiritualmente vivos. Foi o que Jesus quis dizer nessa passagem citando Abraão, Isaac e Jacó que já haviam morrido, como sendo plenamente vivos. Isto fica claro quando Jesus fala-nos em Lc 20,38: “Ora, Deus não é

Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele vivem todos." Ou seja, todos os encarnados e desencarnados.

Vejamos essa passagem bíblica integralmente. Ei-la a seguir:

Lc 20,27-38: "Chegaram então alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, e perguntaram-lhe: 28 Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer alguém, tendo mulher mas não tendo filhos, o irmão dele case com a viúva, e suscite descendência ao irmão. 29 Havia, pois, sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem filhos; 30 então o segundo, e depois o terceiro, casaram com a viúva; 31 e assim todos os sete, e morreram, sem deixar filhos. 32 Depois morreu também a mulher. 33 Portanto, na ressurreição, de qual deles será ela esposa, pois os sete por esposa a tiveram? 34 Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casaram-se e dão-se em casamento; 35 mas os que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento; 36 porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo

filhos da ressurreição. 37 Mas que os mortos hão de ressurgir, o próprio Moisés o mostrou, na passagem a respeito da sarça, quando chama ao Senhor; Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó. 38 Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele todos vivem. ”

Caro leitor amigo, se você meditar bem sobre essa passagem bíblica que está em Lc 20,27-38, constatará que o célebre Livro Sagrado, nos afirma categoricamente que a libitina é unicamente do envoltório externo. O seu contrário, ou seja, o Espírito Humano, com sua individualidade, sua personalidade, que são os principais requisitos do corpo perispirítico, se mantém intactos.

Bem, como Jesus deixou claro, a morte não existe. Sendo assim, vejamos agora o que o confrade RODOLFO CALIGARIS (1913 – 1975), nos ensina em seu maravilhoso livro “Parábolas Evangélicas”, no cap. 21, “A ovelha, a dracma e o filho pródigo”

“A ovelha, a dracma e o filho pródigo”

1

Relata Lucas que, certa vez, entrando Jesus na casa de um dos principais fariseus para tomar refeição, achegaram-se a ele muitos publicanos e pecadores para ouvi-lo.

Em sua muita indulgência, o Mestre a ninguém repelia, o que deu ensejo a que alguns circunstantes, escandalizados, se pusessem a murmurar, dizendo: Olhem só, como este homem acolhe os pecadores, e até come com eles.

Respondendo a essa crítica, Jesus pronunciou três parábolas em que salienta a solícitude de Deus para salvar os que se perdem.

Ei-las, tal como foram registradas por aquele evangelista:

“Qual de vós outros é o homem que tem cem ovelhas e, se perde uma delas, não deixa as noventa e nove, e vai buscar a que se havia perdido, até que a ache? E que,

depois de a achar, não a põe sobre seus ombros, cheio de gosto, e, vindo a casa, chama os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha, que se havia perdido? Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu sobre um pecador que fizer penitência, que sobre noventa e nove justos que não hão mister de penitência.

Ou que mulher há que, tendo dez dracmas, e, perdendo uma, não acenda a candeia e não varra a casa, e não a busque com muito empenho, até que a ache? E que, depois de a achar, não convoque as suas amigas e vizinhas, para lhes dizer: Congratulai-vos comigo, porque achei a, dracma que tinha perdido? Assim vos digo eu que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um -pecador que faz penitência.

Disse-lhes mais: Um homem teve dois filhos, e disse o mais moço deles a seu pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me toca. E ele repartiu entre ambos a fazenda.

Passados não muitos dias, entrouxando tudo o que era seu, partiu o filho mais moço para uma terra muito distante, país estranho, e lá dissipou toda a sua fazenda, vivendo dissolutamente.

Depois de ter consumido tudo, sucedeu haver naquele país uma grande fome, e ele começou a sentir necessidades. Retirou-se, pois, dali e acomodou-se com um dos cidadãos da tal terra. Este, porém, o mandou para os seus campos, a guardar os porcos. Aí, desejava ele encher a sua barriga de landes, das que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Até que, tendo entrado em si, disse:

Quantos jornaleiros há, em casa de meu pai, que têm pão em abundância, e eu aqui pereço à fome! Levantar-me-ei, irei procurar meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze de mim como de um dos teus jornaleiros.

Levantou-se, pois, e foi ao encontro de seu pai. E quando ele ainda vinha longe, viu-o seu pai, que ficou movido de

compaixão, e, correndo, lançou-lhe os braços ao pescoço, para o abraçar, e o beijou.

E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

Então disse o pai aos seus servos: Trazei depressa o seu melhor vestido, e vesti-lho, e metei-lhe um anel no dedo, e os sapatos nos pés; trouxei também um vitelo bem gordo, e matai-o, para comermos e nos regalarmos, porque este meu filho era morto, e reviveu, tinha-se perdido, e achou-se. E começaram a banquetear-Se.

Seu filho mais velho estava no campo, e, quando veio e foi chegando a casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-Lhe que era aquilo. Este Lhe disse:

É chegado teu irmão, e teu pai mandou matar um novilho cevado, porque veio com saúde.

Ele então se indignou e não queria entrar; mas, saindo, o pai começou a rogar-lhe que entrasse, ao que lhe deu esta

resposta: Há tantos anos que te sirvo, sem nunca transgredir mandamento algum teu e nunca me deste um cabrito para eu me regalar com meus amigos; mas, tanto que veio este teu filho, que gastou tudo quanto tinha com prostitutas, logo lhe mandaste matar um novilho gordo.

Então lhe disse o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo que é meu é teu; era, porém, necessário que houvesse banquete e festim, pois que este teu irmão era morto, e reviveu, tinha-se perdido, e achou-se.” (capítulo 15)

Estas três parábolas, como se nota claramente, podem reduzir-se a uma só, pois sua ideia central é a mesma: a salvação de todas as almas.

Jesus previa, porém, que seus ensinamentos seriam desnaturados pelas agremiações religiosas, pressentia que iriam desfigurar completamente o caráter paternal de Deus, qual ele no-lo veio revelar, e, por isso, deixou-nos aqui esta tríplice afirmação do Seu amor e de Sua

misericórdia, num solene e formal desmentido às penas eternas do inferno.

2

Procuremos entender bem, num exame mais profundo, os belíssimos ensinamentos contidos em cada uma dessas três parábolas.

As cem ovelhas da primeira são o domínio universal de Deus.

Cem, número perfeito, simboliza a totalidade dos seres que compõem as humanidades espalhadas pelas inumeráveis moradas da casa do Pai.

A ovelha desgarrada somos nós, os terrícolas, Espíritos rebeldes à Lei de Deus.

O pastor dessa ovelha é Jesus, o governador do planeta Terra.

Como é que os lanígeros se perdem?

Pelo apetite. Atraídos pelas ervas tenras de certas regiões, vão-se afastando cada vez mais do pastor, a ponto de não mais poderem ouvir-lhe a voz, quando, à tarde, ele os chama para o retorno ao aprisco.

Também nós outros, em nossa jornada evolutiva, temo-nos transviado pelas desordens do apetite. Deixamo-nos seduzir pelo mundanismo; andamos à cata de gozos e conquistas materiais; familiarizamo-nos com os vícios, que se degeneram em maus costumes; entregamo-nos às paixões e aos excessos de toda a. ordem; movidos pela ambição, enveredamos, muitas vezes, pelos ínvios caminhos do crime; desorientamo-nos, afinal, em tão sinuoso labirinto, e, entregues ao desespero, já não atinamos como voltar para a companhia de nossos irmãos situados em melhor plano.

Assegura-nos, porém, a parábola, que não ficaremos perdidos para sempre, pois Jesus, "o bom pastor, que dá a

própria vida pelas suas ovelhas” (João, 10:11), virá a nossa procura, até que nos encontre e nos ponha a salvo

Não há aqui a menor sombra de dúvida. A locução conjuntiva “até que” expressa fielmente que o pegureiro que nos apascenta não descansará enquanto não alcançar o seu objetivo, isto é, enquanto não realizar sua obra de redenção.

E assim como o pastor congrega amigos e vizinhos, também ele reúne seus cooperadores e lhes diz: “Alegrai-vos comigo porque achei a minha ovelha, que se achava perdida.”

Notemos que Jesus não diz: alegrai-vos com a ovelha encontrada, mas sim: “alegrai-vos comigo”, patenteando assim toda a afeição que nos devota. Porque muito nos ama, a nossa vida, a nossa salvação é que constitui a alegria dele!

Notemos ainda que a ovelha transviada não foi tratada brutalmente, não recebeu qualquer açoite, antes foi reconduzida aos ombros, com desvelo e carinho.

Isto significa que Deus não extermina os que fracassam, os que erram e se extraviam; encontra sempre um meio de enviar-lhes o necessário socorro, pois somos criaturas Suas, pertencemos-Lhe, e, como disse sabiamente alguém: "as obras de Deus não foram feitas para morrer".

A corroboração deste raciocínio, temo-la nesta outra afirmativa do Cristo: "Eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou, e esta é a vontade daquele Pai, que me enviou: que nenhum eu perca de todos aqueles que ele me deu." (João, 6:38,39)

A parábola da dracma dá-nos a compreender que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, visto que nessa moeda acha-se insculpida a efígie do rei.

Jesus, prefigurado pela dona. de casa, enquanto procura a moeda que se perdeu, conduz uma lanterna acesa. Essa lanterna, ou seja, essa luz que ele traz na mão, é o Evangelho, é a doutrina cristã, a cujo clarão todos quantos se acham envoltos nas trevas da ignorância e da iniquidade serão, afinal, encontrados.

A varredura é a representação dos trabalhos, dos sofrimentos e expiações `por que temos que passar, até que nos expurguemos de todas as mazelas, de todas as imperfeições, sejamos, enfim, arrancados do pó e readquiramos o brilho característico da pureza.

Dessa tríade de parábolas, como já dissemos, ressalta um mesmo axioma incontestante: a unidade do destino, a salvação de todos, por via da lei do progresso que rege o universo. O justo já foi pecador, o pecador há de tornar-se justo; daí o júbilo entre os anjos (justos) no céu, por um pecador que se arrepende e se regenera.

Na terceira parábola com que Jesus respondeu aos murmuradores que o censuravam por conviver com gente de má fama, sobressai, em toda a sua crueza, a culpa dos pecadores, e, com esse pormenor, mais ainda se realça a infinita bondade divina.

Após receber todos os haveres que lhe couberam em partilha, o moço afasta-se de seu pai para uma terra distante, esquece-o, e, entregue a uma vida de desregramentos, afunda-se na miséria.

É o que acontece também a nós outros, em relação a Deus: apartamo-nos d'Ele, não pela distância, porque Deus está em toda a parte, mas pelo coração, e, olvidando-lhe as leis, entregamos nossa alma a toda a sorte de desatinos, perdendo a retidão do juízo, a candura do sentimento, a sensibilidade da consciência e o discernimento justo do bem e do mal.

Vendo-se arruinado, o pródigo coloca-se, então, sob a dependência de um dos moradores da tal terra e é mandado a guardar o gado imundo. Ali, quer saciar-se

com aquilo que é dado como alimento aos animais de seu amo, mas o que lhe dão deixa-o a desfalecer de fome.

O que a parábola aqui nos ensina é que as vaidades mundanas, as sensualidades grosseiras e suínas, com as quais muitos se comprazem, tal qual as cascas sem substâncias (repasto dos porcos), que só enchem e pesam, mas não alimentam, ao cabo de algum tempo conduzem fatalmente à fome de Espírito e de coração, como a sentiu afinal o nosso estroina.

Nessa situação aflitiva, cai em si, recorda-se do pai e resolve voltar a penates, certo de que ele lhe há de perdoar.

Isto nos faz compreender a missão providencial da dor. Quando na terra tudo nos corre às mil maravilhas, nem sequer cogitamos se Deus existe ou deixa de existir. Visite-nos a desgraça, porém, e nossa alma, quebrantada, logo se volta para o céu, porque só de lá nos podem vir as consolações e o refrigério de que necessitamos.

Põe-se então a caminho — continua a historieta — e “quando ainda vinha longe, viu-o seu pai”. Não se contém, não espera que o filho se aproxime, que lhe fale e se humilhe. Corre-lhe ao encontro, abraça-o e beija-o enternecidamente.

— “Pai — exclama o pródigo —, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.”

O pai não lhe dá tempo de acrescentar as palavras que pensava dizer: “Trata-me como um de teus jornaleiros.”

Tal é o arrebatamento de seu amor paterno, que, antes mesmo que o filho lhe fizesse uma só confissão do seu passado de prevaricações, vergonhas e dores, já ele o havia acolhido com sua demência.

E exclama aos seus servos: “Tirai-lhe esses andrajos e vesti-lhe o seu antigo traje”, pois assim me apraz ver restituído o meu filho, em sua primitiva dignidade. “E enfiai-lhe um anel no dedo”, símbolo de autoridade senhorial, pois fica reintegrado em seu lugar de filho e

herdeiro dos bens paternos: "calçai-o", para que seus pés não se firam pelo chão; "matai um vitelo gordo, e comamos, e regozijemo-nos, porque este meu filho que me morrera, aqui o tenho de novo em meu regaço.

É exatamente assim que Deus procede conosco.

A carga de nossos erros impede-nos que nos cheguemos à Sua presença, mas Ele desce até nós, acerca-se de nossas almas penitentes, toma-nos em Seus braços, dá-nos o ósculo de perdão, e, todo ternura, acolhe-nos em Seus domínios. Pai amantíssimo que é, "não quer a. morte do filho mau e ingrato, mas sim que ele se converta, que abandone o mau caminho, e viva".

Lição mais consoladora e suave do que esta não há em todo o Evangelho.

Ninguém se perde, pois não há culpas irreparáveis!

Em nosso relativo livre arbítrio, podemos dilapidar, na satisfação de bastardos apetites, as riquezas que nos foram concedidas pelo doador da Vida.

Virão depois, entretanto, os efeitos dolorosos, e com eles o arrependimento e a resolução de emendar-nos.

É quando Deus, que lê os nossos mais recônditos pensamentos, vem ao encontro de nosso esforço individual, e, harmonizando os ditames de Sua justiça com a superabundância de Sua misericórdia, enseja-nos, através das reencarnações, os meios de reabilitar-nos, de redimir-nos e de retornarmos, infalivelmente, à glória inefável de Sua companhia.

4

Essas três parábolas, é bem de ver-se, deviam ter deixado descontentes os escribas e fariseus que exprobravam o Mestre pelo bom acolhimento que dispensava aos pecadores.

A parte final da terceira, em que é focalizado o comportamento do filho mais velho, que se recusa a entrar em casa por lá se festejar o retorno do irmão, é-lhes dedicada, e retrata com muita fidelidade a pobreza de seus sentimentos e a secura de suas almas.

Existem, ainda hoje, desses tais. São certos tipos de religiosos, dogmáticos e intransigentes, que desejam a todo transe o céu exclusivamente para eles e se indignam à simples ideia de serem acolhidos por Deus também os profíctentes de outras crenças, os quais têm na conta de hereges imundos e desprezíveis.

Não obstante se reputeem muito justos e fiéis observadores dos códigos divinos, revelam-se tremendamente egoístas e descaridosos, porquanto desejariam monopolizar a herança e o convívio do Pai Celestial e folgariam em ver os outros excluídos, para sempre, dessa felicidade.

Ressalta, ainda, desse episódio, uma verdade proclamada pelo Espiritismo e que a muitos tem passado despercebida: a de que não basta que nos abstenhamos do mal, nem é

suficiente que cultivemos uma fé inoperante para fazermos jus às alegrias do céu. É necessário, é condição indispensável para isso, que tenhamos desenvolvido em nós o amor.

Haja vista o exemplo do primogênito. Arvora-se em puritano, jacta-se de nunca haver transgredido os mandamentos, mas o seu coração é todo mesquinhez e impiedade, e, devorado por inveja torpe, não percebe que o seu despeito contra o próprio irmão o impede de compartilhar do regozijo que vai pela casa paterna.

Acompanhemos atentamente sua objurgatória e notemos quanto azedume dela ressumbra:

“Há tantos anos que te sirvo — diz ele ao pai —, sem nunca transgredir mandamento algum teu e nunca me deste um cabrito para eu me regalar com meus amigos; mas tanto que veio este teu filho, que gastou tudo quanto tinha com prostitutas, logo lhe mandaste matar um novilho gordo.”

Essa linguagem faz lembrar a daquele fariseu que, orando no templo, ereto, cheio de soberba, exaltava os próprios méritos, considerando-se superior a todos os outros homens, cuja oração, entretanto, não foi aceita porque, ao mesmo tempo que fazia alarde de suas virtudes, se referia com desdém ao publicano, o que constitui falta de caridade, ou seja, de amor ao próximo.

E o primogênito, porque não penetrou na casa do Pai, apesar de instado para que o fizesse?

Também por lhe faltar esse sentimento, eis que não quis ver naquele pródigo o “seu” irmão, cuja volta o devia alegrar, mas apenas um dissoluto, a quem se devesse enxotar.

Termina a parábola do filho pródigo com o primogênito “de fora”; sabemos, todavia, que a vida é eterna e que as portas do céu jamais se fecham, permanecendo abertas para os pecadores arrependidos de todos os matizes.

Assim sendo, uns mais cedo, outros mais tarde, todos hão de “cair em si” e, desse despertar de consciência, dessa contrição sincera, resulta sempre o retorno aos braços amoráveis e ternos do Criador.

Aprendamos, pois, a lição áurea que o Divino Mestre nos deixou: Deus é pai de toda a Humanidade, sem acepção de raça, cor ou crença, e, em Sua sabedoria, sabe como e quando deve agir para atrair a Si cada um de nós.

Consequentemente, todos somos irmãos, e, como tal, cumpre nos unamos, nos confraternizemos e nos auxiliemos uns aos outros, alijando de nossos corações o sectarismo, a animosidade e os ciúmes.

Lembremo-nos de que a casa do Pai celestial é suficientemente ampla, e as reservas do Seu amor, inexauríveis, dando, de sobejo, para agasalhar e felicitar a totalidade de Seus filhos!” (CALLIGARIS 1987 89-102).

Capítulo 6. Nascer de novo

Falemos agora da célebre conversa de Jesus com Nicodemos, o qual era um doutor da lei, Príncipe do Sinédrio¹²; observemos abaixo esse trecho bíblico integralmente:

Jo 3,1-12: "1 Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. 2 Este foi ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus; pois ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. 3 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. 4 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? 5 Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. 6 O que é nascido da carne é carne, e o

que é nascido do Espírito é espírito. 7 Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. 8 O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. 9 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode ser isto? 10 Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel, e não entendes estas coisas? 11 Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto; e não aceitais o nosso testemunho! 12 Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como creereis, se vos falar das celestiais?"

Analisemos a passagem anteriormente escrita.

O trecho bíblico acima é o que mais trabalho causa aos fundamentalistas, que, a qualquer custo, tentam, através de enormes malabarismos exegéticos e hermenêuticos, descaracterizar qualquer sentido reencarnacionista do Livro Sagrado. Todavia, esse esforço é em vão, pois é fato que, "concordem ou não", A REENCARNAÇÃO ESTÁ NA BÍBLIA e, independentemente se acreditam ou não, eles irão reencarnar de qualquer maneira¹³.

Sobre o texto bíblico anteriormente citado, alguns pontos devem ser esclarecidos aos leitores. Vejamo-los nos tópicos adiante:

6. 1. Quanto à expressão "Nascer de novo"

No seu texto "A conversa de Jesus com Nicodemos", o respeitado pesquisador, escritor e palestrante Paulo Neto da Silva Sobrinho nos diz:

"A polêmica instala-se por conta do termo grego anóthem, que, segundo os exegetas, tanto pode ser entendido como "de novo" quanto "do alto". Isso é um prato cheio para que os teólogos tirem dessa passagem a ideia da reencarnação, para introduzirem a do batismo, para, com isso, justificarem este ritual.

Uma das traduções que destacamos é a da Bíblia de Jerusalém, pelo motivo dela ter sido elaborada por uma equipe de tradutores católicos e protestantes. Nela lemos a seguinte explicação: "João emprega um termo grego,

anóthem, que significa também 'do alto' (cf. 3, 7.31). **Esse duplo sentido não existe na língua de Jesus e de Nicodemos**". (p. 1847). Aqui vemos um golpe de morte naqueles que querem buscar nisso um pretexto para retirar dessa passagem a ideia da reencarnação." (NETO SOBRINHO, 23/04/2016, p. 2).

Muitos, para desqualificar a reencarnação, afirmam que Jesus teria dito: "AQUELE QUE NÃO NASCER DO ALTO".

Notamos, em Atos 23,8, que os fariseus acreditavam em ressurreição, anjos e espíritos, e como Nicodemos era um desses, provavelmente o mesmo também acreditava na reencarnação; ele entendera quando o Sublime Nazareno lhe disse "que seria preciso nascer de novo"; a dúvida que lhe ficou foi quanto ao fato de como isso poderia acontecer. Pelas perguntas de Nicodemos ao Cristo, feitas no versículo 4, percebemos que Nicodemos entendeu perfeitamente aquilo que o Divino Mestre falara, ou seja, "Nascer de Novo", e não "Nascer do Alto", como querem alguns. Vejam o referido versículo em sua totalidade: Jo 3,4: "Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem

nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?”

O Excelso Messias responde ao indagador nos dois versetos seguintes:

Jo 3,5-6: “5 Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.

Posteriormente, no versículo 6, conclui de forma lógica ao referir-se à diferença que há entre a carne e o Espírito.

6. 2. Quanto ao batismo

Fazendo uma nítida distinção entre os elementos “material e espiritual”, no versículo 5, ele, (Jesus), alude à água, considerada na época como substância geradora da vida. Vejamos isso a seguir: Jo 3,5: “Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.”

Ora, a comunhão carnal não é pecaminosa como quer nos infringir as religiões não reencarnacionistas.

Na verdade não houve nenhum “pecado original”, porque a comunhão carnal não é pecaminosa, é uma função natural para a reprodução do ser. O desequilíbrio não está no sexo, mas sim na cabeça daquele que o usa. A perversão é mental, é moral não é biológica.

O sexo é semelhante ao estômago, com finalidade específica como o fígado, que secreta uma substância (a biles), e eles secretam determinados hormônios que dão lugar à vida.

Portanto não se justifica o batismo.

Hoje sabemos pela ciência, através da embriogenia, que a reprodução animal, mais especificamente do Homem, é aquosa.

Quando o espermatozoide, que, se pode dizer que é uma gota d'água percorre a trompa de Falópio, para assim se acoplar ao óvulo, que é como se fosse uma outra gota d'água gelatinosa, a fim de que haja todo o processo de nidação que é o começo de tudo! É a implantação do zigoto (óvulo fecundado) no útero. Após o ovulo ser fecundado nas trompas, ele viaja através do útero para chegar ao endométrio onde será implantado e se tornar um bebê, que como embrião, permanece no útero e neste, com a proteção do "líquido amniótico"¹⁴, que também podemos dizer que é uma espécie de água, ficar 9 meses para enfim nascer.

Destarte, como já dissemos alhures, repetimos: "não se justifica o batismo", pois, nascer da água, é formar um corpo novo.

Voltemos ao Evangelho.

Em Jo 3,6, onde está escrito: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito", diversas pessoas, para descaracterizarem a reencarnação dizem:

“devemos observar que Jesus está se referindo ao nascer de Deus em nós, pois o primeiro "Espírito" começa com maiúscula e significa que é o Espírito Santo de Deus. ”

Fora do Evangelho, lembro-me de São Paulo que disse: 1Cor 15,40: "Também há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres".

Ora! Como sabemos, "todo Espírito vem de Deus". Agora, por isso, usar "termos dogmáticos", ou seja, "letra E maiúscula" e "letra e minúscula", insinuando o "batismo", para assim, descaracterizar a reencarnação é demais!

Caros amigos, isso não tem sentido nenhum!

Este argumento acima, é uma apelação de quem no fundo sabe que somente a reencarnação explica certas coisas, mas ele ou eles das instituições não reencarnacionistas, não podem admitir a pluralidade das existências publicamente.

Outra coisa muito importante: temos que ter ciência de que a trindade foi inventada pela ICAR (Igreja Apostólica Romana). Este ato anteriormente descrito, chama-se "interpolação". Todavia, vemos uma interpolação muito clara da ICAR, em Mt 28,19, eis este versículo bíblico a seguir: Mt 28,19: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;"

Muito cômodo para a ICAR, não? Pois assim o batismo seria justificado.

Vemos claramente que o versículo anterior foi inventado. Assim não achamos que o batismo como se vê hoje, foi uma coisa criada por Deus, mas sim pelos homens dos religiosos daquele período.

No que tange à palavra "água", quando Jesus a falou, Ele não estava se referindo ao batismo como quer todas as religiões não reencarnacionistas. Se assim fosse indagaríamos:

1) - A prática ritualista da época era a circuncisão, não porém o batismo. Assim perguntamos: por que Jesus se submeteu ao segundo?

2) - Quanto ao último, este fora criado por João Batista, e nem todos os judeus seguiram o mencionado ritual.

3) - O batismo que João Batista praticava, na época, era o "Batismo do Arrependimento", e não como as igrejas cristãs nos passam que "o mesmo serve para nos livrar do pecado original, e para nos iniciar nos sacramentos dogmáticos dessas instituições".

Corroborando nossa fala anterior, vejamos abaixo o que nos diz os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas

Mt 3,1-2.6; Mc 1,4; Lc 3,3; "1 Naqueles dias apareceu João, o Batista, pregando no deserto da Judéia, 2 dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus." "6 e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. "4 assim apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos

pecados." "3 E ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando o batismo de arrependimento para remissão de pecados;

4) - Nicodemos era um dos principais fariseus, letrado no que diz respeito à lei de Moisés e aos ensinamentos farisaicos, conseqüentemente, deveria ser circuncidado, senador que era dos judeus, membro do Sinédrio e bem informado, portanto, quanto ao assunto relacionado com o batismo, principalmente da forma que ele é visto hoje pela Igreja Católica Apostólica Romana, não lhe interessaria.

5) - No caso do batismo ser tão importante, perguntamos: "por que Jesus não deu o exemplo batizando a Nicodemos? Esse encontro não seria uma excelente oportunidade para Jesus batizá-lo?"

6) - Por que Ele, O Sábio dos Sábios, não batizava ninguém?

Pensamos que a reencarnação deve ser vista na Bíblia e, de modo especial, nos Evangelhos, de forma literal e não

simbólica como querem alguns, com o único propósito de retirar a ideia da palingenesia do Livro Sagrado. Ademais, a fala do Sublime Jardineiro, nos versículos 5 a 7 do terceiro capítulo do Evangelho do apóstolo João, deixa bem claro que seus dizeres referiam-se a "nascer de novo", os quais nada têm a ver com o "batismo" como muitos pretendem forçadamente demonstrar. Constatemos os supracitados dizeres, vendo o passo bíblico a seguir, o qual reproduz o que falamos:

Jo 3,5-7: "5 Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. 7 Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo."

Para confirmar nossos dizeres quanto às vidas sucessivas serem uma realidade, traremos por final o último versículo dito por Jesus nessa conversa; Ei-lo adiante: Jo 3,12: "Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como creeis, se vos falar das celestiais?"

Reparemos que o Divino Messias, coloca a reencarnação (expressão NASCER DE NOVO, como um fato terrestre e não como um evento vindo do Céu como o BATISMO ou NASCER DO ALTO.

A pergunta que não quer calar é “será que, visto que João Batista praticava o “batismo do arrependimento” (ver Mt 3,1-2.6.; Mc 1,4; Lc 3,3) e não como o vemos hoje, o qual, na verdade, serve mesmo é para filiar os indivíduos às igrejas, mantendo esse “comércio religioso” extremamente lucrativo, como é visto nos tempos atuais, perguntamos: “será que o batismo é realmente necessário”?

Nesse momento, lembremos o Cristo: Mt 6,24 “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.”

Afirmamos: “o dinheiro é dos homens, não de Deus”.

O Amado Galileu também nos fala que “nos será dado segundo nossas obras” (Mt 16,27).

Visto tudo isso, voltamos a indagar: sendo que o próprio Cristo nos narra que “as obras é que são importantes para a nossa salvação”, será mesmo que o batismo é fundamental ou ele é invenção dos homens para prender-nos às igrejas cristãs e a seus rituais lucrativos?

6. 3. Quanto à nossa salvação

Uma questão muito controversa na Bíblia diz respeito à nossa “salvação”.

Através deste estudo, vamos analisar o que nos recomendou Jesus sobre o assunto descrito acima.

Observemos atentamente o que afirma o Sublime Mestre quando nos ensina a lição pertinente ao “Grande Mandamento”:

Lc 10,25-28: “25 E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? 26 Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lê tu? 27 Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. 28 Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás.”

1º. No texto bíblico, fica claro que quem se levanta é um DOUTOR DA LEI (v. 25); portanto, quem estava conversando com o Divino Jardineiro era um perito naquilo que dizia respeito às Escrituras Sagradas. Assim sendo, vemos que o supracitado personagem tinha conhecimento de causa, sabia o que estava dizendo e “não era um qualquer” como deixam transparecer; pois, muitos não dão importância a esse interlocutor do Adorado Nazareno, e conseqüentemente ao referido fato.

2º. Ainda no versículo 25, vemos o circunstante perguntar ao Amado Rabi: “que farei para herdar a vida eterna?” Observemos o verbo “fazer”, o qual determina que é

necessário praticar uma ação para ganhar a vida eterna, no caso a salvação.

Então concluímos que o DOUTOR DA LEI sabia que o Espírito é imortal, que existia sim uma outra vida e que essa era eterna, e que estava condicionada ao ato de fazer algo, em outras palavras: para alcançá-la teríamos de fazer ou praticar alguma ação, executar uma obra.

3º. Reparemos que o Querido Galileu não responde: "basta crer-se em mim para se salvar", ou coisa parecida. Pelo contrário: Ele, sabedor que parlamentava com um "especialista nos Escritos Sacros", tem ciência de que a sua resposta será exata. Então, o Excelso Pegureiro indaga-lhe no verseto 26: "Que está escrito na lei?" e conclui inquirindo-lhe outra vez: "Como lê tu?", ou seja, "como é que você entende o significado do texto que encontra-se lá?"

E o DOUTOR DA LEI, que sabia o que dizia, respondeu ao Cristo: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o

teu entendimento” (v. 27), e acrescenta: “e ao teu próximo como a ti mesmo” (v. 27).

4º. Notemos que o Filho do Carpinteiro considerou correta a resposta daquele homem; tanto que falou: “Respondeste bem” (v. 28), e ratificando-a, continuou dizendo: “faze isso, e viverás” (v. 28). Que, em Português claro quer dizer: “todo aquele que cumprir o Mandamento Maior como falei, será salvo”.

Deduzimos claramente que, para sermos salvos, a obra que devemos fazer é “amar ao Criador e ao semelhante” e não, SOMENTE “aceitar a Jesus” como falam.

Agora pergunto-lhes: “por que eu tenho que “aceitar Jesus”, se o próprio Jesus está dizendo “que para mim ser salvo basta eu praticar o amor?” É como se Ele falasse a nós: “Meus filhos, se vocês querem ser salvos e viverem eternamente nas bem-aventuranças do Senhor, basta que amem a Deus e ao próximo”.

Percebemos que há uma certa deturpação da Bíblia por parte dos líderes religiosos que, propositalmente não divulgam esse trecho bíblico de seus fieis, nem lhes mostram esse raciocínio. Fazem isso, a fim de melhor prendê-los à igreja que comandam; pois assim, enraizando-os onde lideram, fica mais fácil conseguir o DÍZIMO. Não é mesmo?

Como estudioso do Evangelho, afirmo com toda certeza, sem nenhum medo de estar errado: "Aquele que APENAS "aceita Jesus" a fim de, somente se filiar a uma igreja, sem amar a Deus e ao próximo, NÃO SERÁ SALVO. Para que essa pessoa alcance a tão desejada salvação, bastará que ela cumpra o que nos diz o MANDAMENTO MAIOR, que pratique o amor a Deus e ao seu semelhante, não que unicamente "aceite a Jesus" como dizem alguns".

Contudo, o que é propalado entre a maioria dos indivíduos é o ensinamento de São Paulo que afirma: Rm 10,9: "Porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo".

Vemos que o Apóstolo dos Gentios contradiz os dizeres do Grande Médico das Almas; afinal, esta fala de São Paulo é mais simples e prática, além de prender mais facilmente o ser humano a uma determinada instituição religiosa.

São Paulo nos explica uma coisa muito fácil.

Todavia, inquirimos novamente: "Foi isso que Jesus nos ensinou?" Respondo: "Não!" Ele disse que "para sermos salvos bastaria que nós cumpríssemos a lei, ou seja, que amássemos a Deus e ao próximo" e não para que simplesmente o aceitássemos como pregam certos sacerdotes atuais.

Na verdade, Paulo de Tarso corroborando essa fala que está no versículo de Romanos descrito anteriormente, exime o homem da responsabilidade de praticar a lei para ser salvo; coisa que o Enviado Celeste nunca fez.

Entretanto, por conveniência daqueles que lideram as igrejas, o supracitado versículo paulino é mais difundido entre as massas do que a "Palavra de Jesus".

Dirão alguns: "viva a fé cega!"

Visto tudo isso, deixo outra pergunta no ar: "estamos praticando o Cristianismo ou o Paulinismo?"

A citada lição acima está concorde com "O Evangelho segundo o Espiritismo" que nos mostra:

"Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: "Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos." E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: "E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro" , isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem

amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.” (Fonte: KARDEC A., O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 15, item 5, FEB).

Capítulo 7. O cego de nascença

Jo 9,1-3: "1 E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. 2 Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? 3 Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus".

Na passagem bíblica do "Cego de nascença" (Jo 9,1-3), o que mais nos interessa não é a resposta de Jesus, mas sim, a pergunta que os discípulos fazem ao Divino Mestre no 2º versículo: "Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (Jo 9,2).

Ora, se os apóstolos de Jesus consideram a hipótese de que o referido deficiente visual teria pecado, isso somente pode ter sido em uma vida passada. Desta forma, é lógico concluir que o povo daquela época acreditava, sim, na

existência das vidas múltiplas, em outros termos, na reencarnação, apenas não sabiam como esta se dava.

Mas, voltando ao “cego de nascença”, observemos os dizeres do caro confrade e pesquisador, Paulo da Silva Neto Sobrinho:

“Como um cego de nascença poderia ter pecado? Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, se nascera cego? Neste caso, o seu pecado, para ser lógico, só poderia ter sido cometido antes dele nascer, ou seja, em uma de suas existências anteriores. Fato em que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaria a pergunta deles a Jesus: “Quem pecou, para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?”

Diante do princípio “a cada um segundo suas obras” (Mt 16,27), no dizer do Mestre, ninguém paga pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos atribuída às próprias pessoas que os praticam.

A resposta de Jesus "Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu, para que as obras de Deus se manifestem nele", poderá ser explicada da seguinte forma: diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo havia a necessidade de Jesus fazer alguns "milagres", como os fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai. Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão, e este homem cego era um deles. Aqueles que escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo o seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam no plano espiritual." (NETO SOBRINHO, 2006, pp. 237-238).

Também mostrar-lhe-emos a opinião do senhor José Reis Chaves, o qual é colunista do Jornal "O Tempo" em Belo Horizonte:

"Vamos ver agora um outro episódio do Evangelho de Jesus, em que nos deparamos com mais uma sugestiva ideia da reencarnação, na qual os próprios discípulos do Mestre demonstraram acreditar.

Eis o que nos diz o texto bíblico: “Caminhando, Jesus viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (João 9,2).

Temos de atentar para o fato de que era normalmente aceito por todas as pessoas do Oriente Médio daquela época que, se uma pessoa nascesse com qualquer deficiência física ou mental, era por um pecado dela cometido em uma vida anterior, ou por pecado cometido por seus pais. Esqueçamo-nos, por enquanto, da resposta de Jesus, e concentremo-nos somente na pergunta dos discípulos. Nela está implícita, com muita clareza, que os discípulos que fizeram a pergunta a Jesus aceitavam a reencarnação. Não podemos negar esse fato, que era também do inteiro conhecimento de Jesus, mesmo porque Ele conhecia até o pensamento das pessoas.” (CHAVES, 2012, p. 101).

[...]

“E sobre o episódio evangélico da cura do cego de nascença, fazemos as seguintes perguntas: Se a crença na reencarnação fosse um erro, se Jesus sabia que seus discípulos acreditavam nela, e se Ele teve oportunidade de condená-la e de repreender os seus discípulos por estarem em erro, por que Ele não o fez? Desse silêncio de Jesus, só podemos concluir que Ele não considerava a reencarnação como sendo um erro, pois, como diz o ditado popular, quem cala, consente. E essa conclusão torna-se uma verdade inconteste, quando sabemos que a omissão é também um pecado, e pecado é uma falta que não podemos atribuir a Jesus.” (CHAVES, 2012, p. 102-103).

Capítulo 8. O silêncio do Mestre

É certo que não há a palavra REENCARNAÇÃO escrita em toda a Bíblia. Todavia o simples fato de Jesus, um homem o qual tinha a inteligência “fora do normal”, um Ser Humano diferente de todos os que já surgiram aqui no planeta Terra em todos os tempos, uma pessoa que possuía um tino moral avançadíssimo, um indivíduo o qual acusava uma percepção sensorial acima da média, um exemplo a ser seguido pela Humanidade do futuro, que dividiu a história em duas épocas, antes e depois do seu nascimento, em momento algum repreendeu algum discípulo seu ou qualquer pessoa dizendo que o pensamento de renascer estaria errado. Pelo contrário, uma das frases que marcou Jesus foi dita a Nicodemos: Eila: Jo 3,3: “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” e também essa: Jo 16,12: “Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora.”

Conclusão

Para nós espíritas, a REENCARNAÇÃO é uma "lei natural" e não apenas um "aspecto religioso". Realmente, pois não se trata, de forma alguma, somente de uma vertente da Doutrina Espírita, uma vez que ela conta também com o respaldo de vários segmentos da Ciência.

É claro que Jesus Cristo, na sua profunda sabedoria, sabia com certeza daquilo o que estamos falando, ou seja, da existência da reencarnação. E mais... Tinha conhecimento do pensamento do povo daquela época, o qual não tinha a capacidade de compreender "a multiplicidade das existências", tanto que disse: Jo 16,12: "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora". Assim fazendo, o meigo Mestre as citou veladamente, e é dessa maneira que as lemos hoje no Evangelho.

Vejamos agora logo abaixo, o pensamento de Martins Peralva sobre a reencarnação:

“Necessário vos é nascer de novo

Não foram os espíritas que inventaram a Reencarnação - palavra que grafamos com inicial maiúscula, em homenagem de nossa Alma agradecida à lei sábia e misericordiosa que projetou luz sobre o até então incompreendido problema do Ser, do Destino e da Dor.

O ensino reencarnacionista vem de muito longe, de povos antigos e remotíssimas doutrinas.

Ao Espiritismo couberam, apenas, a honra e a glória de estudá-lo, sistematizando-o, para convertê-lo, afinal, num dos principais, senão no principal fundamento de sua granítica estrutura doutrinária.

Grandes vultos do passado, no campo da Religião, da Filosofia e da Ciência, aceitaram e difundiram a Reencarnação.

Orígenes (nascido em 185 e falecido em 254), considerado por São Jerônimo como a maior autoridade da Igreja de Roma, afirma, no livro "Dos Princípios", em abono da tese básica do Espiritismo: "As causas das variedades de condições humanas são devidas às existências anteriores.

São, ainda, do eminente e consagrado teólogo as seguintes palavras: "A maneira por que cada um de nós põe os pés na Terra, quando aqui aportamos, é a consequência fatal de como agiu anteriormente no Universo."

Ainda de Orígenes: "Elevando-se pouco a pouco, os espíritos chegaram a este mundo e à ciência dele. Daí subirão a melhor mundo e chegarão a um estado tal que nada mais terão de ajuntar."

Crisna, no Bhagavad-Guitá (o Evangelho da Índia), predica, com absoluta e inegável clareza: "Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus, só são conhecidos de mim; vós não conheceis os vossos."

Os Vedas, milhares de anos antes de Jesus-Cristo, difundiam, largamente, a ideia reencarnacionista. Buda aceitava e pregava a Reencarnação. Os sacerdotes egípcios ensinavam que “as almas inferiores e más ficam presas à Terra por múltiplos renascimentos, e que as almas virtuosas sobem, voando para as esferas superiores, onde recobram a vista das coisas divinas”.

Na Grécia, berço admirável de legítimos condores do Pensamento e da Cultura, encontramos Sócrates, Platão e Pitágoras como fervorosos paladinos das vidas sucessivas.

Sócrates ensinava que “as almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos”.

O ensino pitagórico era, como é notório, essencialmente reencarnacionista, dele advindo, por falsa interpretação de mentes pouco evoluídas, a errônea teoria da metempsicose.

Entre os romanos, Virgílio e Ovídio disseminavam os princípios reencarnacionistas.

Ovídio chegava a dizer: “quando minha alma for pura, irá habitar os astros que povoam o firmamento”, admitindo, assim, semelhantemente aos espíritas, a sucessividade das vidas em outros planetas.

São Jerônimo afirmava, por sua vez, “que a transmigração das almas fazia parte dos ensinamentos revelados a um certo número de iniciados”.

Deixemos, contudo, esses consagrados vultos, cuja opinião, embora respeitável e acatada, empalidece ante a opinião da figura máxima da Humanidade — Nosso Senhor Jesus-Cristo.

O Sublime Embaixador pregou a Reencarnação. Algumas vezes, de forma velada; outras, com objetividade e clareza.

Falando a respeito de Elias, o profeta falecido alguns séculos antes, diz o Mestre: — “Elias já veio e não o conhecestes”, compreendendo então os discípulos que se referia a João Batista (Elias reencarnado).

No famoso diálogo com Nicodemos, afirma que ninguém alcançará o Reino de Deus “se não nascer de novo.

Nascer da água e do Espírito — o que completa a intenção, o pensamento reencarnacionista de Jesus.

Em outra oportunidade, externando por meio de simples alegoria sobre a Lei de Causa e Efeito — ou Carma —, sentencia: — “Ninguém sairá da Terra sem que pague até o último ceitel”, isto é: até a completa remissão das faltas.

Como Se vê, o Espiritismo não criou, não inventou a Reencarnação.

Aceitando-a como herança de eminentes filósofos e de respeitáveis doutrinas, de Jesus e de Seus discípulos, e confirmada, a seu tempo, pelos espíritos do Senhor, o

Espiritismo promoveu o seu estudo, a sua difusão, a sua exegese.

Ela é, contudo, antiquíssima, conhecida e professada antes do Cristo, na época do Cristo e em nossos dias.

Há mais de um século o Espiritismo apresenta-a por único meio de crermos num Pai Justo e Bom, que dá a cada um “segundo as suas obras” e como elemento explicativo da promessa de Jesus, de que “nenhuma de suas ovelhas se perderia”.

A Reencarnação é a chave, a fórmula filosófica que explica, sem fugir ao bom-senso nem à lógica, as conhecidas desigualdades humanas — sociais, econômicas, raciais, físicas, morais e intelectuais.

Sem o esclarecimento palingenésico, tais diversidades deixariam um doloroso “ponto de interrogação” em nossa consciência, no que diz respeito à Justiça Divina.

Sem as suas claridades, seria a Justiça de Deus bem inferior à dos homens.

Teríamos um Deus parcial, injusto, caprichoso, cruel, impiedoso mesmo.

Um Deus que beneficiaria a uns e infelicitaria à maioria.

Com a Reencarnação, temos Justiça Incorruptível, equânime, refletindo a ilimitada Bondade do Criador.

Um Deus que perdoa sem tirar ao culpado a glória da remissão de seus próprios erros.

Um Deus que perdoa, concedendo ao culpado tantas oportunidades quantas ele necessite para reparar os males que praticou.

Com a Palingenesia, temos um Deus que se apresenta, no Altar de nossa consciência e no Templo do nosso coração, como Pai Misericordioso e Justo, um Pai carinhoso e Magnânimo, que oferece a todos os Seus filhos os mesmos

ensejos de redenção, através das vidas sucessivas — neste e noutros mundos, mundos que são as “outras moradas” a que se refere Jesus no Evangelho.

Tantas vidas quantas forem necessárias, porque o essencial e o justo é que “nenhuma das ovelhas se perca ...” (PERALVA, 1987, pp. 53-57).

Apêndice

Caros leitores, respondam-me, por favor, a respeito da reencarnação, quando, de alguma maneira, faz-se ligação entre Elias e João Batista, quem está falando a verdade?

- a) – As profecias de Malaquias em Ml 3,1; 4,5-6;
- b) - O anjo Gabriel em Lc 1,11-13; 17-19; 76-77;
- c) – Jesus em Mt 11,12-15; 17,10-13;
- d) - Os discípulos de Jesus em Mt 16,13-14);
- e) - O povo da época em Mt 16,13-14; Lc 9,7-9; Jo 9,1-2;
- f) - O rei Herodes em Lc 9,7-9;
- g) – Todas as respostas acima.

Achamos que a resposta correta é a "letra – "g"; pois todas as letras anteriores, confirmam a reencarnação.

Referências Bibliográficas

(*) Bíblia Online:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/40>

(**) Bíblia Paulus:

http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_INDEX.HTM

Bíblia Eletrônica:

<http://www.rksoft.com.br/html/biblia.html>

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*. Volume 1, p. 149, (arquivo pdf)

NETO SOBRINHO, P. S. *A Bíblia à moda da casa*.
Divinópolis-MG, GEEC, 2006.

NETO SOBRINHO, P. S. *A conversa de Jesus com
Nicodemos - Versão:3*,
[http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-
biblicos/268-a-conversa-de-jesus-com-nicodemos](http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-biblicos/268-a-conversa-de-jesus-com-nicodemos) Acessado
em 23/04/2016.

CHAVES, J. R. *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência*.
Santo André-SP, EBM, 8ª edição, 2012.

CALLIGARIS, R. *Parábolas Evangélicas*. Rio de Janeiro FEB,
1987

PERALVA, M. *Estudando o Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB,
1987.

Notas bibliográficas

¹ *O Livro dos Espíritos*, questão 128.

² *O Livro dos Espíritos*, questões 43 a 49.

³ *O Livro dos Espíritos*, questão 115.

⁴ *Sabedoria do Evangelho*, vol. 3, p. 15, (JOÃO - REENCARNAÇÃO DE ELIAS).

⁵ Sexta parte da introdução de "O Livro dos Espíritos".

⁶ *A Gênese*, cap. XIII, item 4.

⁷ *A Gênese*, cap. I, item 42.

⁸ *Evolução em Dois Mundos*, cap. 20.

⁹ *O Livro dos Médiuns*, item 123.

¹⁰ *Sabedoria do Evangelho*, vol. I, p. 106, (RESPOSTAS DE JOÃO)

¹¹ Levirato: n substantivo masculino Rubrica: antropologia. costume, observado entre alguns povos primitivos, que obrigava um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixava descendência masculina (o filho desse casamento era considerado descendente do falecido) [Este costume é mencionado no Antigo Testamento como uma das leis de Moisés.]

¹² O Sinédrio (do hebraico סנהדרין sanhedrîn; συνέδριον synedrion, em grego, "assembleia sentada", donde "assembleia") é o nome dado à associação de 20 ou 23 juízes que a Lei judaica ordena existir em cada cidade. O

Grande Sinédrio era uma assembleia de juízes judeus que constituía a corte e legislativo supremos da antiga Israel. O Grande Sinédrio incluía um chefe ou príncipe (Nasi), um sumo-sacerdote (Cohen Gadol), um Av Beit Din (o segundo membro em importância) e outros 69 integrantes que se sentavam em semicírculo. Antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., o Grande Sinédrio reunia-se no Templo durante o dia, exceto antes dos festivais e do Sábado.

¹³ *O Livro dos Espíritos*, questão 222.

¹⁴ Líquido amniótico (ou fluido amniótico) é o fluido que envolve o embrião, preenchendo a bolsa amniótica, que desta forma o protege de choques mecânicos e térmicos. A bolsa amniótica normalmente forma-se na segunda semana de gravidez, assim que esta se forma enche-se de líquido amniótico que inicialmente é apenas água proveniente da mãe. Pouco fluido amniótico (oligo-hidrânio) ou muito (poli-hidrânio ou hidrânio) pode ser uma causa ou um indicador de problemas para a mãe e o bebê. Pacientes com oligo-hidrânio, dependendo do grau do problema, podem ser tratadas com descanso, hidratação oral e intravenosa, antibióticos, esteroides, e amnioinfusão.

Quando se fala no "rebentar as águas" (ou "estouro da bolsa"), pouco antes do parto, significa que a bolsa amniótica se rompeu e o líquido foi expulso, marcando o início do parto.

É a partir deste líquido que é feita a amniocentese, técnica de diagnóstico pré-natal, já que em suspensão no mesmo

se encontram células fetais, a partir das quais será possível verificar anomalias cromossômicas ou genéticas.